

## **A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girard**

*Gileady Leandro Pereira da Silva*[1]

**Resumo:** O presente artigo versa sobre a teologia da cruz na obra do teólogo suíço Karl Barth (1886 – 1968) em diálogo com o pensamento do antropólogo francês René Girard (1923 – 2015). Preliminarmente, trataremos brevemente sobre o aspecto dual da crucificação. Em um segundo momento, abordaremos alguns dos principais temas da extensa obra teológica de Karl Barth, concentrando-nos em questões relacionadas à teologia da cruz, por esta ser o centro convergente de toda sua produção teológica. Posteriormente, exporemos alguns dos principais temas da obra de René Girard, com ênfase em questões antropológicas relacionadas à crucificação, a interpretação bíblica e algumas de suas afirmações teológicas, sob a perspectiva da teoria mimética. Em sequência apresentaremos através de uma abordagem comparativa entre ambos os autores, a crucificação como a manifestação suprema do Deus não violento. Concluiremos com uma análise crítica a partir das Escrituras sobre o tema desenvolvido bem como sua aplicação para as igrejas hodiernas.

**Palavras-Chave:** Barth, Girard, Teologia da Cruz, Teoria Mimética, Crucificação.

**Abstract:** This article deals with the theology of the cross in the work of the Swiss theologian Karl Barth (1886 – 1968) in dialogue with the thinking of the French anthropologist René Girard (1923 – 2015). Preliminarily, we will briefly deal with the dual aspect of the crucifixion. In a second moment, we will approach some of the main themes of Karl Barth's extensive theological work, focusing on issues related to the theology of the cross, as it is the convergent center of all his theological production. Thereafter, we will expose some of the main themes of René Girard's work, with emphasis on anthropological issues related to the crucifixion, biblical interpretation and some of his theological statements, from the perspective of mimetic theory. In sequence, we will present, through a comparative approach between both authors, the crucifixion as the supreme manifestation of the non-violent God. We will conclude with a critical analysis from the Scriptures on the theme developed as well as its application to today's churches.

**Keywords:** Barth, Girard, Theology of the Cross, Mimetic Theory, Crucifixion.

## INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a crucificação de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo de acordo com o relato dos evangelhos, é provável que seja suscitada uma interrogação que merece a devida apreciação sobre a possibilidade de a teologia da cruz prescindir as narrativas de sangue e violência. Este artigo versa sobre a teologia da cruz na obra do teólogo suíço Karl Barth (1886 – 1968) em diálogo com o pensamento do antropólogo francês René Girard (1932 – 2015), mostrando que o absoluto triunfo da graça revelada na teologia da cruz é o único antídoto permanente contra a violência.

Preliminarmente faremos uma abordagem pressupondo, que existe um aspecto dual na crucificação, interpretando-a pelos cânones da inspiração e infalibilidade das Escrituras e suplementarmente por métodos histórico-críticos, à semelhança do método girardiano.

Em seguida, abordaremos alguns dos principais temas da extensa obra teológica de Karl Barth, concentrando-nos em questões relacionadas a teologia da cruz, por esta ser o centro convergente de toda a sua produção teológica, como preleciona o mestre da Basileia na sua *Magnum Opus - Church Dogmatics*:

[...] Tudo em última análise depende deste ponto, e lembramos que não é uma teoria ou noção, mas o evento concreto no cerne de toda realidade cristã e a verdade dada pelo Filho de Deus: sua encarnação, humilhação e obediência à morte e morte de cruz. (BARTH, 2009, p.71).

Doravante, será apresentado alguns dos principais temas da obra de René Girard, no entanto, para este ensaio nos concentraremos em questões antropológicas relacionadas a crucificação, a interpretação bíblica e algumas afirmações teológicas do mesmo, sob a perspectiva da teoria mimética. Posteriormente, será esboçado através de uma abordagem comparativa entre ambos os autores, a crucificação como a manifestação suprema do Deus não violento. Concluiremos com uma análise crítica a partir das Escrituras sobre o tema desenvolvido bem como sua aplicação para as igrejas hodiernas.

### 1. O ASPECTO DUAL DA CRUCIFICAÇÃO

O Deus *Crucifixus* está no âmago das narrativas evangélicas que encerram todo o enredo temporal da História da Salvação, e desvelam o drama da consumação do plano

divino através dos séculos na Paixão de Cristo, ordinariamente intitulada nestes termos desde os Pais Latinos, que resumidamente denominam nesta expressão os “[...] sofrimentos e humilhações infligidas ao Senhor Jesus Cristo, e que culminaram em sua morte vicária no Calvário”. (ANDRADE, 2004, p. 291). No contexto bartiano falar sobre a eterna obra redentora é uma conjectura *sine qua non* para a compreensão das Escrituras, como Barth preleciona abreviadamente:

Esse tempo concretizado que é idêntico a Jesus Cristo, esse evento absoluto em relação a qual todo outro evento não é real ou deixou de ser; esse “Está consumado!”, esse Deus para o qual não há analogias, é a revelação atestada na Bíblia. Entender a Bíblia do começo ao fim, de verso em verso, é entender como tudo nela se relaciona com isto, como seu centro visível e invisível. (BARTH, 2009. p. 114).

Entrementes, cabe-nos aqui pontuar que suplementarmente podemos compreender este acontecimento sob a interpretação de métodos histórico-críticos a semelhança da exegese girardiana. Pressupondo essa dualidade podemos interpretar as narrativas do Gólgota sob as luzes da hermenêutica cristã pautada em valores credo apostólicos tradicionais e conservadores e suplementarmente o estudar sob a interpretação de outras correntes metodológicas, de tal sorte que ainda que tentem esvaziar a perspectiva teológica e falar da crucificação como mero fato histórico, é impossível tirar-lhe sua relevância. O historiador ao olhar para o passado verá a cruz e certamente arrematará que “[...] a morte de Jesus por crucificação é tão certa quanto qualquer fato histórico pode ser”. (MCDOWELL, 2012, p. 142).

A narrativa joanina da Paixão reitera a historicidade da obra vicária do Salvador: “Pilatos o entregou para ser crucificado”, (Jo 19.16, Bíblia de Jerusalém), ao que Barth observa, “[...] em virtude do nome de Pôncio Pilatos estar conectado com ele, a vida e a paixão de Jesus Cristo é um evento na mesma história mundial na qual nossa vida também acontece”. (BARTH, 2006, p. 152).

Nestes termos, no desenvolvimento deste texto sintetizaremos a abordagem que estes intelectuais fazem da crucificação de Jesus Cristo em seus múltiplos aspectos teológicos e antropológicos, analisando o aspecto vertical e o aspecto horizontal da crucificação,

acentuando as distinções entre o evangelho e o mito, o sagrado e o profano, o divino e o humano, a não violência e a violência do evento mais dramático e sublime da História.

A dualidade da crucificação não reside no espetáculo, no escândalo, mas em Deus. Deus foi crucificado. O Deus-Homem sentiu na pele as maiores humilhações que se podem infligir a um homem em sua vida e sua morte. Cícero, o grande orador da Antiguidade, descreveu como “[...] o pior extremo das torturas infligidas a escravos” (SWINDOLL, 2008, p. 261), para ele “atar um cidadão romano é um crime, açoitá-lo é uma abominação, torturá-lo é quase um ato de assassinato. Crucificá-lo é – o quê? Não há palavra adequada para descrever este ato tão horrendo”. (Ibid.) Tácito a chamou de “uma morte desprezível”. (Ibid.). Esse suplício é descrito por Andrade nos seguintes termos:

A crucificação no contexto histórico do Novo Testamento, era a penalidade máxima destinada aos infratores que não usufruíam dos privilégios da cidadania romana. Os cidadãos romanos eram condenados a uma morte mais rápida: a decapitação. Introduzida, ao que parece, pelos persas, a crucificação constituía-se na mais indigna e dolorosa forma de execução. Consistia na elevação do condenado num madeiro, onde ficava a agonizar por vários dias. Era uma morte lenta e, indescritivelmente dolorosa. Em Jerusalém, as mulheres piedosas ofereciam vinho misturado à mirra para aliviar o sofrimento àqueles infelizes. Costumava-se também quebrar as pernas aos malfeitores para apressar-lhe a morte, principalmente quando aproximava-se o sábado judaico. (ANDRADE, 2004, p. 125).

## **2. A TEOLOGIA DA CRUZ EM KARL BARTH**

Estudar o pensamento de Karl Barth é um trabalho árduo, não sem razão, afinal estamos diante de um dos maiores teólogos de toda a história do pensamento cristão. Como preleciona William Hordern, a teologia de Barth não é fácil de ser resumida, pelo fato de que “tem escrito mais que qualquer outro teólogo desde Tomás de Aquino”. (HORDERN, 2003,

p. 167). Sua obra mais extensa, a *Church Dogmatics*, “[...] segundo Eberhard Busch, é uma obra de 9.185 páginas, em letra miúda, mesmo incompleta”. (FILHO, 2015, p. 52).

Ressaltemos ainda outra dificuldade para resumir o pensamento bartiano:

[...] consiste no fato de que seu pensamento passou por mudanças muito significativas. Ele costuma ressaltar que a teologia é um esforço finito e humano de compreender a Deus e exige que se mantenha constante reforma e revisão de conceitos. A Teologia deve levar em consideração as condições contemporâneas. Nunca bastará que simplesmente se repita o que disseram os teólogos do passado. Eles foram, realmente grandes, pelo fato de que fizeram aplicação da Palavra de Deus atendendo às exigências da sua época. Em vez de ficarmos repetindo suas ideias, o que temos de fazer é realizar para nosso tempo o que eles entenderam necessário para o tempo quando viveram. Barth insiste que seus alunos leiam muito, tendo a Bíblia numa das mãos e os jornais na outra. (HORDERN, 2003, p. 167).

Outro ponto relevante que deve ser levado em consideração neste sentido é a devida compreensão de suas concepções dentro de uma linha temporal adequada. O teólogo brasileiro Manoel Bernadino nos revela que por “[...] desconhecer os diferentes Barth através dos tempos e que foi se renovando a cada novo período é que se comete injustiças contra o seu pensamento”. (FILHO, 2015, p. 52). A periodização da obra de Barth, que nos interessa neste artigo é a da maturidade, da *Church Dogmatics* (1932 em diante), do *Credo*, obra que originalmente foi publicada em 1935 (BARTH, 2005, p. 9) e *Esboço de uma Dogmática* de 1946 (BARTH, 2006, p. 4). Por isso é pertinente o comentário de Paul Tillich: “A grandeza de Barth consiste em que ele sempre de novo se corrige a si mesmo à luz da ‘situação’. Ele tenazmente tenta não se tornar um seguidor de si mesmo”. (FILHO, 2015, p. 54).

Nestes termos, para ilustrarmos a relevância desta observação, vejamos o que diz Barth na sua obra *Carta Aos Romanos* antes de sua fase madura:

À medida que o nosso mundo [temporal] for tocado pelo outro mundo [de Deus] através de Jesus, deixa ele de ser histórico, temporal, material, diretamente perceptível: Jesus é

## A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girar

“poderosamente estabelecido como Filho de Deus, pelo Espírito Santo, através da sua ressurreição de entre os mortos”. Este estabelecimento de Jesus é o seu verdadeiro significado e como tal não pode ser verificado historicamente. Jesus, como o Cristo, o Messias, é o final dos tempos. Ele só pode ser entendido [compreendido], como paradoxo— (Kierkegaard), como vencedor — (Blunhardt), como pré-história. (Overbeck). Jesus, como Cristo, é o plano desconhecido que corta o nosso, perpendicularmente, vindo do alto. Do ponto de vista histórico, Cristo só pode ser entendido como problema, um mito; ele traz o universo do Pai, do qual nada conhecemos, nem podemos vir a conhecer, através da história. (BARTH, 2008, p. 30).

Entretanto, podemos observar que a obra tardia de Karl Barth acentua que alguns conceitos constantes na *Carta Aos Romanos* passam por processos de revisão. Na *Church Dogmatics*, renuncia Barth, “posições que assumira na *Carta Aos Romanos* e que, infelizmente, muitos autores mal informados continuam a repetir como se fora sua última palavra”. (FERREIRA. 1980. p.78).

A temática deste artigo é um exemplo perfeito sobre esta mudança paradigmática na obra bartiana. Para descrevermos a teologia da cruz na obra de Karl Barth é imprescindível determinarmos que esta noção só pode ser definida e compreendida através da constante observação de seus múltiplos aspectos. Isto posto, vejamos algumas características marcantes deste tema.

A *theologia crucis* inicialmente se revela como a ação concreta de Deus na História. “No sentido do testemunho apostólico, a crucificação de Jesus Cristo é a ação concreta do próprio Deus”. (BARTH, 2006, p. 164). Assertivas similares apontam para o Deus *Crucifixus* como ação concreta de Deus na História, não mais Deus como o Totalmente Outro tão característico da *Carta Aos Romanos*:

O nome em conexão com a Paixão de Cristo deixa inequivocamente claro que esta Paixão de Jesus Cristo, este desvelar da rebelião do homem e da ira de Deus, apesar da sua misericórdia, não aconteceu no céu ou em algum planeta remoto, ou mesmo em algum mundo das ideias; aconteceu em

nosso tempo, no centro da história mundial na qual nossa vida humana é vivida. Portanto não devemos escapar desta vida. Não devemos alçar vôo para uma terra melhor, para alguma altura ou outro lugar desconhecido, nem para outra Terra do Faz-De-Conta espiritual, nem para um conto de fadas cristão. Deus veio para nossa vida em sua mais completa amabilidade e temor. Que a Palavra se fez carne também significa que ela se tornou temporal, histórica. (BARTH, 2006, p. 154 - 155).

O tema central da teologia de Barth na sua fase madura é a crucificação. Foi nesse período, que ele “[...] estabeleceu o ponto de contato entre o eterno e o temporal”. (FILHO, 2015, p. 25). Deus e o homem se encontram na cruz. É rumo à cruz que Jesus Cristo, o Deus-Homem, vem ao nosso encontro na História.

A *theologia crucis* relaciona toda as partes da *Dogmática* para seu centro Cristológico, como o *loci essendi* de toda à sua obra: “A dogmática só é possível como *theologia crucis*.” (BARTH, 2009, p. 13). Assim, não há que se falar em Teologia à parte da crucificação. Eis a provável chave hermenêutica da obra bartiana, “[...] o evento concreto no centro de toda a realidade e verdade cristãs, a autodoação do Filho de Deus, Sua humilhação, encarnação e obediência até a morte, mesmo a morte de cruz”. (Apud). Dos prolegômenos ao estudo das profecias. Da exegese ao aconselhamento pastoral, o elo fundamental entre os mais distintos blocos teológicos é sem sombra de dúvida, a crucificação:

A cristologia [...] ocupa lugar central em sua dogmática. Visto não ser possível qualquer contato entre o divino e o humano a não ser na encarnação, o resultado é que todas as questões no campo da dogmática são relacionadas com a cristologia. A relação entre Deus e o homem – o tema básico da teologia – foi demonstrada em Cristo de modo exemplar. (FERREIRA, 2003, p. 50).

Em Barth a *theologia crucis* é vista como parte da *theologia gloriae*, unificando correntes teológicas distintas, assim:

[...] não devemos erigir e confirmar qualquer oposição; pois não há nenhuma *theologia crucis* que não tenha seu complemento na *theologia gloriae*. É evidente que não há

A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girar

nenhuma Páscoa sem a Sexta feira da Paixão, mas do mesmo modo não há Sexta-feira da Paixão sem a Páscoa! (BARTH, 2006, p.162).

A História da Salvação e conseqüentemente a História da Paixão não se encerra com a morte e o sepultamento do Senhor Jesus, mas sublima-se com Sua ressurreição. O Deus *Crucifixus* foi visto por multidões na sua humilhação, enquanto esteve pendurado no madeiro, porque de acordo com a narrativa evangélica esta aconteceu próximo ao período pascoal e neste período, “[...] vinham multidões de regiões distantes da Palestina e até de províncias estrangeiras para trazer suas ofertas e juntar-se ao culto festivo. Josefo relata que, por ocasião da Páscoa, a população total de Jerusalém chegava a três milhões”. (TENNEY, 2008, p. 105).

Mas o testemunho das multidões também foi dado com relação ao Deus *Resurrexit*, de acordo com a Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, “[...] apareceu a mais de quinhentos irmãos”, (Bíblia de Jerusalém, 15.6).

A relação entre a crucificação e a ressurreição se expressa “[...] no mistério da Encarnação que se desdobra no mistério da Sexta-feira Santa e da Páscoa”. (BARTH, 2006, p.160). O milagre da ressurreição nos dizeres de Barth:

[...] consiste em dois fatos que se relacionam conjuntamente e que, ao menos, na opinião de todas as testemunhas do Novo Testamento, não são explicáveis na presunção de fraude ou decepção, ou pela possibilidade de uma mera visão, aquele de que o sepulcro no qual Jesus foi sepultado na Cruz na Sexta-Feira da Paixão foi encontrado vazio no terceiro dia; o outro em que o Próprio Jesus “aparece”, como a expressão característica coloca, aos Seus discípulos como visivelmente, audivelmente e tangivelmente vivo. (BARTH, 2005, p. 138 – 139).

A *theologia crucis* revela o absoluto triunfo de Jesus Cristo sobre o mal, que se sublimará na vitória escatológica. Sendo a problemática do mal uma temática presente nas obras de praticamente todos os grandes nomes da teologia cristã, também foi tratado no contexto da obra bartiana. Sobre o tema da existência do mal e sua relação com a crucificação, a definição mais objetiva sobre o assunto nos mostra que: “o verdadeiro

*Nichtige* é o que trouxe Jesus Cristo à cruz, e que Ele ali derrotou". (WÜTHRICH, 2021, p. 8).

Esta temática foi abordada especificamente na seção 50 da *Dogmática*, sob o título, *God and Nothingness* em inglês, que pode ser traduzido como Deus e o nada, e *Gott und das Nichtige* em alemão, que pode ser traduzido como Deus e o vazio. Nesta seção, de forma magistral, Barth avalia o assunto sob perspectivas distintas e dentro de um contexto mais amplo, sem fugir de questões filosóficas e teológicas, porém sem perder de vista o *loci essendi* de sua obra tardia. Assim, o cerne da questão é o triunfo de Jesus Cristo sobre o mal, o vazio, o nada:

É Jesus Cristo, Deus em Sua pessoa, que como Senhor Vitorioso arrasa o abismo do nada e seus astutos poderes. É a história de Seu conflito, o Reino de Deus que provém de Si como luz e, portanto, a história de Sua humilhação à morte de cruz e Sua ressurreição e exaltação à destra do Pai. (BARTH, 2009, p. 242).

A batalha foi vencida. O Reino de Deus já está entre nós. No Gólgota, temos a vitória suprema sobre o mal. Jesus venceu o mal e seus poderes malignos na cruz:

Ouvimos, quando falamos da Cruz de Cristo e Ressurreição, que a batalha foi vencida, o relógio está parando, mas Deus ainda tem paciência, Deus ainda está esperando. Para este tempo da sua paciência ele colocou a Igreja no mundo, e o significado deste último tempo é, que ele está repleto da mensagem do Evangelho e que o mundo tem seu mandamento, para ouvir esta mensagem. Podemos chamar este tempo que irrompeu com a Ascensão de Jesus aos céus, "o tempo da Palavra", talvez também o tempo do abandono e, em certo sentido, da solidão da Igreja na terra. É o tempo no qual a Igreja está unida com Cristo apenas na fé e pelo Santo Espírito; é o tempo interino entre sua existência terrena e seu retorno em glória [...] (BARTH, 2006, p. 182).

A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girar

Esta perspectiva é crucial para compreensão da obra expiatória, porque em síntese, “[...] temos em Barth um farto emprego da linguagem de “vitória”: Jesus é o Vitorioso sobre os poderes das trevas [...] Jesus é o Rei Vitorioso”. (FERREIRA, 2003, p. 18).

Entre a obra vitoriosa consumada pelo Deus *Crucifixus* e Sua volta como o Deus *Resurrexit*, está o momento do exercício da longanimidade de Deus. O relógio escatológico aponta para a última hora e os opositores de Deus sabem que tem pouco tempo. Esse tempo interino uni o passado e o futuro sob a perspectiva da volta gloriosa do Senhor Jesus. É neste sentido que o teólogo brasileiro Manoel Bernadino reitera:

A escatologia de Barth não trata da doutrina das últimas coisas. Tanto que, se ele tivesse continuado sua Dogmática, a última parte – a quinta – teria se chamado Doutrina da Redenção. Sua escatologia parte do mote: Jesus é Vencedor! (FILHO, 2015, p. 95).

O mal, o *nichtiges*, a *nothingness*, a oposição a Deus, a noite, as trevas, a escuridão, o nada, o vazio, só são conhecidos por causa da obra salvadora de Jesus. O mal absoluto em quaisquer acepção da palavra foi revelado e derrotado na cruz. A Graça Encarnada triunfou sobre o mal. O teólogo Matthias D. Wüthrich, faz apontamentos relevantes sobre o tema, acentuando que:

[...] o verdadeiro *Nichtiges* só pode ser compreendido na história de Cristo; só é reconhecido na medida em que já foi derrotado na cruz de Cristo. [...] no Gólgota, Deus usou a *Nichtige* como um instrumento para derrotar a *Nichtige*. (MASSMANN, 2022).

Para os cristãos, a crucificação é a manifestação suprema da sabedoria e do poder de Deus. Deus manifesta na cruz sua sabedoria e seu poder destruindo o mal:

A graça de Deus e a onipotência de Deus são idênticas. Nunca devemos entender uma sem a outra. Aqui, mais uma vez, temos de lidar com a revelação do mistério da Encarnação, que este homem é o Filho de Deus e o Filho de Deus é este homem. Jesus Cristo tem este lugar, esta função sobre todos nós, e ele as tem na realidade final. Ele está em relação a Deus como o

Único para o qual o poder de Deus é absolutamente confiado; como um Governador ou um Primeiro Ministro, para quem seu Rei transferiu todo seu poder. Jesus Cristo fala como Deus e age como Deus; e reciprocamente, se quisermos saber da fala e ação de Deus, precisamos apenas olhar para esse homem. Esta identidade de Deus e homem em Jesus Cristo é o conhecimento, a revelação do conhecimento, pelo qual a obra de Jesus Cristo, cumpriu-se de uma vez por todas, alcançou sua conclusão. (BARTH, 2006, p. 180).

### 3. A CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO EM RENÉ GIRARD

Preliminarmente, convém abordar alguns aspectos relevantes do pensamento do antropólogo francês René Girard, cuja teoria, nos dizeres de Jairo Rivaldo, tem a pretensão de explicar o surgimento da cultura e de todas as instituições através do que ele denominou de “desejo mimético” e do “mecanismo do bode expiatório”. (SILVA, 2020, p. 138).

A teoria mimética esboça uma teoria das relações humanas, assim, apresenta uma base conceitual ampla, que busca compreender, dentre outras temáticas, as origens da cultura humana e as estruturas sociais, tomando como fundamento o desejo mimético.

A teoria girardiana ressalta a importância da *mimesis*, da imitação no desejo humano, reiterando que, “[...] longe de ser algo autêntico, o desejo humano é baseado no processo de imitação: o homem deseja pelos olhos de outrem”. (BARBOSA E JUNIOR, 2012, p. 234).

A percepção clássica sobre o desejo compreende a ideia de que o ser humano é propenso à imitação desde a infância. Porém, esta perspectiva ganha um amplo contorno em Girard, para o qual, a *mimesis* não se limita as manifestações externas de comportamento, antes, revela a essência do nosso desejo, como leciona Laise Pinheiro:

O mimetismo desejante é capaz de dar conta de um desenvolvimento lógico do desejo e supera o nível de representação e imitação de gestos, atitudes e maneiras a que se reduziu tradicionalmente a *mimesis*: o que o desejo imita, o que pede emprestado do modelo, é o desejo mesmo, com uma

imediatez quase osmótica. (PINHEIRO, 2016, p. 45).

Para Girard todo desejo é mimético ou triangular, e para compreendê-lo precisamos colocar em cada vértice desta figura geométrica os elementos que a consubstanciam, assim, na base estão presentes as figuras do sujeito que deseja e do objeto desejado, no vértice superior, o modelo ou o mediador do desejo, ao que explica Richard Golsan:

Girard afirma, em suma, que nossos desejos não são inatos ou autônomos, mas copiados dos outros. **Se desejo um objeto** em particular, não o cobiço por aquilo que é, e sim porque imito o desejo de alguém que optei por tomar como **modelo**. Essa pessoa – seja ela real ou imaginária, lendária ou histórica – se converte em mediador de meu desejo, e então me envolvo numa relação essencialmente triangular. (GOLSAN, 2014, p. 26).

Os estudos de Girard sobre esta temática o conduziram a fazer ponderações mais amplas, buscando sob a perspectiva mimética a compreensão dos fenômenos sócios culturais. Assim, na tentativa de ponderar sobre a influência “[...] do desejo mimético sobre o desenvolvimento da cultura e das instituições sociais, Girard se viu obrigado a lidar desde o início com um problema enorme: o potencial destrutivo do desejo mimético”. (GOLSAN, 2014, p.59).

Este aspecto destrutivo do desejo e sua relação com a violência, foi dissertado na sua *Opus Magnum, A Violência e o Sagrado*, e posteriormente na totalidade de sua obra. Girard em seu conjunto teórico lida com temas relacionados com “[...] as causas da violência nas sociedades pré-estatais e sua análise genealógica das instituições culturais a partir dos ritos sacrificiais”. (SILVA, 2020, 131). O cerne do pensamento girardiano, neste livro, é a gênese da violência mimética presente em todas as sociedades arcaicas e atuais. Violência esta, que só pode ser aplacada com mais violência, de tal forma que a mesma se perpetua com seus efeitos miméticos por toda a sociedade:

Parece que sempre chega um momento no qual só é possível opor-se à violência com uma outra violência; nesta ocasião,

pouco importa ter sucesso ou fracassar, pois é sempre ela que ganha. A violência tem extraordinários efeitos miméticos, tanto diretos e positivos quando indiretos ou negativos. Quanto mais os homens tentam controlá-la, mais fornecem-lhe alimentos; a violência transforma em meios de ação todos os obstáculos que se acredita colocar contra ela. Assemelha-se a uma chama que devora tudo o que se possa lançar contra ela para abafá-la. (GIRARD, 2008, p. 45).

Nestes termos, a violência tende a se generalizar dentro do ciclo mimético. A violência sob a perspectiva girardiana põe em funcionamento o “mecanismo do bode expiatório”. Esta expressão foi extraída do contexto das religiões da antiguidade, que buscavam no sacrifício, seja de animais ou de pessoas, o mecanismo para o abrandamento da ira dos deuses em meio a crises naturais ou sociais, para assim obter a sua benesse, e estabelecer a ordem social, apaziguando aquelas sociedades. A crise e o caos social encontram neste mecanismo a sua solução. Em suma:

Para que se compreenda o mecanismo do bode expiatório, Girard declara ser necessário examinar apenas a natureza da violência e o processo mimético. O bode expiatório desempenha o papel de vítima substituta para todos os membros da comunidade. Além disso, essa canalização da violência pode ser atribuída ao desejo mimético. Ao imitarem uns aos outros, os membros da comunidade copiam a violência alheia e tomam como objeto de sua violência o foco para o qual as hostilidades do modelo se dirigem. Ao início desse processo segue-se uma reação em cadeia; logo, todos os membros da comunidade estarão se valendo de uma mesma válvula de escape para suas energias hostis – o bode expiatório. (GOLSAN, 2014, p. 66).

Na teoria girardiana o mecanismo do bode expiatório está na origem das instituições sociais, sejam elas religiosas ou seculares. Assim, a rota da violência termina no “todos contra um”, afinal, usando um “pouco” de violência contra uma pessoa é possível salvar todas as outras. Logo, os demais ficam em paz uns com os outros, polarizados contra a única vítima, e fazendo com que uma comunidade em crise preserve o seu equilíbrio:

## A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girard

Segundo a teoria mimética, os mitos refletem um contagioso processo de desordem que culmina na morte ou na expulsão de uma vítima. O agravamento da rivalidade mimética a que tendem as sociedades arcaicas desencadeia todo tipo de desordem, até o momento em que sua própria intensidade gera uma polarização unânime contra uma vítima mais ou menos aleatória. Deixando-se levar pelo mimetismo, toda a comunidade se une e, por conseguinte, as desconfianças mútuas deixam de existir. A paz retorna. (GOLSAN, 2014, p. 207).

Eis a face da violência originária, utilizada na teoria mimética para explicar a origem dos mitos com suas narrativas sacrificiais e sanguinárias. Assim as narrativas de sangue e violência, própria dos mitos da Antiguidade iluminam toda sua obra, porém, em sua vasta produção intelectual, Girard se debruça tardiamente sobre os textos bíblicos, desenvolvendo uma possível hermenêutica histórico-crítica com base na teoria mimética. Ele apresenta inicialmente esta abordagem nos livros *O Bode Expiatório* em 1982 e *A Rota Antiga dos Homens Perversos* em 1985 (KIRWAN, 2015, p. 245).

A abordagem que Girard faz das Escrituras, nos remonta ao método histórico-crítico, amplamente utilizado no contexto das obras de teólogos liberais e neo-ortodoxos, porém, convém sublinhar que esta é vista com ressalvas pela linha ultraconservadora. Em linhas gerais a “[...] crítica histórica como disciplina se preocupa com a historicidade dos eventos descritos no texto”. (DEMOSS, 2004 p. 54). Karl Barth nos apresenta uma preciosa lição sobre a temática das múltiplas abordagens hermenêuticas das Escrituras:

O método histórico-crítico aplicado ao estudo da Bíblia, prepara a mente o que é sempre útil; porém, se eu fora constrangido a optar entre esse método e a arcaica doutrina da inspiração eu, decididamente, escolheria por esta, pois ela é, de direito, maior, mais profunda e mais importante; porque a inspiração visa ao próprio processo do entendimento sem o que

toda e qualquer estruturação do raciocínio se torna vã.  
(BARTH, 2009, p.13).

Numa conjuntura girardiana esta abordagem crítica das Escrituras, é perceptível em sua obra, visto que, “[...] em muitos aspectos a teoria de Girard é uma tentativa de ler a Bíblia novamente à luz dos “mestres da suspeita”, como Freud e Nietzsche.” (KIRWAN, 2015, p. 142). Esta apreciação é vista nos livros supracitados, e neles, René Girard desenvolve considerações sobre as passagens bíblicas que se prestam a essa nova leitura, ou seja, interpreta o texto bíblico, tendo como pressuposto a teoria mimética. Segue um exemplo notável desta visão, à partir de uma passagem joanina:

De fato, pode-se dizer que a antropologia fundamental de Girard é uma reflexão sobre uma única citação bíblica, João 11. 49 – 52, que declara, com a típica ambiguidade joanina, que Jesus tanto é, como não é, um bode expiatório: Um deles, porém, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: “Vós nada entendeis. Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?”. Não dizia isso por si mesmo, mas sendo Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação – e não só pela nação, mas também para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos. (KIRWAN, 2015, p. 142).

O mecanismo do bode expiatório está presente no contexto da crucificação de Cristo, atuando de forma inconsciente na vontade das multidões que estavam presentes, que direcionaram toda sua violência contra o Cordeiro de Deus. Como diz Girard, no seu livro *O Bode Expiatório*:

Se os evangelhos revelam, como sustento, o mecanismo do bode expiatório, sem o designar com o mesmo termo que nós, sem dúvida, mas nada omitindo daquilo que é preciso saber dele para se proteger de seus efeitos insidiosos, para descobri-lo em todo lugar em que ele se esconde e sobretudo em nós mesmos, deveríamos neles encontrar tudo aquilo que depreendemos desse mecanismo nas páginas precedentes e particularmente sua natureza inconsciente. Sem tal

## A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girard

inconsciência, que está profundamente unida à sua crença sincera na culpabilidade da vítima, os perseguidores não deixariam encerrar na representação persecutória. Existe aí uma prisão da qual eles não vêem os muros, uma servidão tanto mais total por se tomar como liberdade, uma cegueira que se crê perspicácia. A noção de inconsciente pertence aos evangelhos? O termo não aparece neles, mas a inteligência moderna reconheceria imediatamente a coisa, caso ela não estivesse paralisada e amarrada diante desse texto pelos fios liliputianos da piedade e da antipiedade tradicionais. A frase que define o inconsciente persecutório figura no próprio coração do relato da paixão, no evangelho de Lucas, e é o célebre: Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem (Lc 23,34). (GIRARD, 2004, p. 146).

A Paixão de Cristo sublima de forma incomparável, o ápice da presença do mal entre os homens em termos bartianos. Este é o aspecto da profanação presente no Gólgota. Na cruz, estava o Deus Crucificado, escolhido unanimemente como a vítima expiatória, pelas multidões que gritavam: “Crucifica-o”! (Bíblia de Jerusalém, Jo 19.15). Este grito, que se irrompeu no contexto da condenação de Cristo, desvela a presença hostil e violenta do mecanismo girardiano. Violência esta engendrada unanimemente contra o Senhor Jesus. O poder violento do ciclo mimético estava em curso, o desejo de Caifás se estendeu às multidões, estas arrastaram Pilatos, sua esposa, levaram a dispersão dos discípulos e forçou o apóstolo Pedro a negar qualquer relação com Jesus, por temor de padecer do mesmo destino. Ao tratar estes aspectos, Girard reitera:

Pilatos é o verdadeiro detentor do poder, mas acima dele temos a multidão. Uma vez mobilizada, ela o arrebatava de modo absoluto, arrasta as instituições sociais atrás de si e as obriga a nela se dissolverem. Aqui temos, portanto, a unanimidade do assassinio coletivo gerador de mitologia. Esta multidão é o grupo em fusão, a comunidade que literalmente se dissolve e não pode mais se soldar novamente a não ser a expensas de sua vítima, seu bode expiatório. (GIRARD, 2004, p. 140).

A dramática história da Paixão de Cristo em seu aspecto horizontal, temporal, histórico e humano, está repleta de traição, mentiras, ódio, e toda forma de violência. Entretanto, a história da salvação tem como ápice um ato vertical e perpendicular do próprio Deus Encarnado renunciando a violência na cruz e expondo ao ridículo todos os seus inimigos, todos os mecanismos de violência, revelando assim que a crucificação de Cristo é o único antídoto indelével contra a violência:

Deus está do lado da vítima inocente, e não dos perseguidores; a Bíblia funciona como uma crítica e condenação do mecanismo sacrificial do bode expiatório, e não como exemplo dele. Por esse motivo, Girard fala de uma oposição entre o mito e o evangelho. O Evangelho é o espírito bíblico que revela a verdade sobre as origens violentas, fica do lado da vítima e trabalha pela superação do mecanismo do bode expiatório enquanto meio viável de formação social. (KIRWAN, 2015, p. 128).

Por mais relevante que esta perspectiva aparente ser, só podemos compreender o real sentido da crucificação tomando como pressuposto a totalidade da verdade apresentada nas Escrituras. É um fato histórico. Mas Jesus veio do alto. Em termos teleológicos, a crucificação faz parte do plano divino, que em parte já se manifestou na história. Nas palavras do Apóstolo Pedro tudo que aconteceu no Gólgota foi permitido por Deus, de acordo com o relato de São Lucas:

Por que se enfureceram as nações e se exerceram os povos em coisas vãs? Os reis da terra se apresentaram e os governantes da terra se coligaram de acordo contra o Senhor, e contra o seu Ungido. De fato, contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste, verdadeiramente se coligaram nesta cidade Herodes e Pôncio Pilatos, com as nações e os povos de Israel, para executarem tudo o que, em teu poder e sabedoria, havias predeterminado (At. 4. 25 – 28). (GIRARD, 2004, p. 142).

Entrementes, não podemos descartar a concepção girardiana e suas prováveis luzes para as inúmeras passagens bíblicas que abordam questões relacionadas a violência e ao desejo triangular. Desde o desejo de nossos pais no Éden, ao desejo de Caifás e das

multidões, a crucificação expressa o desejo adâmico de ser igual a Deus. Ao dizer: Crucifica-o! A humanidade estava no ápice de sua violência contra o próprio Deus. Desde a expulsão do Éden, o homem assumiu todas as consequências nefastas do seu desejo.

#### **4. A CRUCIFICAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DO DEUS NÃO VIOLENTO**

A leitura das passagens evangélicas que narram a Paixão de Cristo nos revela Deus manifestando sua natureza amorosa. Olhar para a crucificação na visão dos apóstolos, é ver o Deus Crucificado rejeitado por Deus e pelos homens, traído, humilhado pelas multidões, escarnecido por milhares que passaram diante de seus olhos e o viram cuspidos, esbofeteados, com sua pele rasgada, cortada, ensanguentada, testemunhando assim a maldade ínsita dos homens, mas acima de tudo, testemunhando documentalmente os limites do imensurável amor de Deus, que suportou a afronta na Sua pele por amor. Na cruz: “a face do verdadeiro Deus é aos poucos, mas inexoravelmente, revelada como infinitamente amorosa e completamente distante de toda a violência. (KIRWAN, 2015, p. 140).

Em suas pregações públicas, o Senhor Jesus já alertava as multidões sobre a necessidade de amar ao próximo sem reservas conforme a passagem do Evangelho de Lucas (Lc 6. 27 – 35). O estudioso da obra de Karl Barth, George Hunsinger reitera a relevância do dever cristão de amar aos inimigos como Cristo nos amou:

O amor ao inimigo na teologia de Karl Barth é o coração do Evangelho. Não é somente uma categoria decisiva para compreender o amor de Deus como revelado na cruz de Cristo, mas também para o discipulado cristão firmado e chamado adiante por este amor. (HUNSINGER, 2017, p. 324).

O Deus não violento, na cruz do Calvário dispensou a perpetuação do caos. Ele vence e supera todo o mal com o amor. O poder latente de sua morte produz efeitos sobre toda a ordem criada, dissipando desta o mal de forma progressiva, profética e definitiva. Se o ciclo mimético gera mais e mais violência, que tende a se perpetuar, na crucificação ocorre a ruptura deste mecanismo, o mesmo é enfraquecido, esvaziado e ridicularizado pelo Eleito. Sem a presença histórica deste evento, o mal e seus efeitos se perpetuariam. Logo,

repliquemos sempre as assertivas supracitas de Karl Barth, e o reconheçamos sempre como o Vencedor, o Vitorioso. Em entrevista, Girard afirma que, “o mal é o *skandalon* e todos os seus frutos [...] Cristo vence o *skandalon* por meio do amor”. (GOLSAN, 2014, p. 182).

Os mitos gravitam em torno da violência e suas consequências ainda mais violentas. Sob a perspectiva dos Evangelhos, a teologia da cruz dispensa as narrativas de sangue e violência por desvelar e superar a violência com a prática do amor. A crucificação rompe com os mecanismos de violência. Girard se refere diretamente a crucificação como superação da dominação do mal:

Reconhecer o Cristo como Deus significa reconhecer nele o único ser capaz de transcender essa violência que até agora tinha transcendido absolutamente o homem. Se a violência é o sujeito de qualquer estrutura mítica e cultural, o Cristo, de seu lado, é o único sujeito que escapa dessa estrutura para liberar-nos de sua dominação. (GIRARD, 2009, p. 266).

O evento mais dramático e sublime da história tem uma face que sobressalta a cognição humana em qualquer época e lugar e não pode ser compreendida à parte da fé. Isto digo, com relação ao fato de na cruz, está sendo crucificado o próprio Deus. O Deus Encarnado. Isto o fez, num eterno e indescritível amor a uma humanidade hostil e inimiga. Sobre esta consideração, Barth nos ensina de acordo com Hunsinger:

Na cruz de Cristo, escreve Barth, Deus faz de Si mesmo vulnerável aos seus inimigos. Ao doar Seu primogênito, Deus dá “nada mais e menos que Si mesmo... Em Se doar e doar a Si mesmo, Ele Se expõe e a Si mesmo ao maior perigo”. Ele coloca Sua própria existência em comprometimento como Deus. Através de Seu ato em doar a Si mesmo em Jesus Cristo, Deus oferece e arrisca Sua própria vida a favor do mundo. Barth continua: “A mensagem cristã é a mensagem do ato de Deus, da expiação que foi feita nessa forma, do Deus prometendo e comprometendo a Si mesmo para sua criatura, para sua parte no pacto, para o ser humano que se opôs a Ele como inimigo. Isso se consiste no fato que Deus deu a Si mesmo nas mãos deste inimigo. É neste radical sentido que, de acordo com a mensagem cristã, Deus amou primeiro (I

## A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girar

João 4:19), não simplesmente antes que nós O amassemos, mas enquanto ainda éramos inimigos (Romanos 5:8;10)”. (Rom. 5:8, 10). (HUNSINGER, 2017, p. 324).

O Deus que se revela distante de toda violência, revela o amor não violento como o único antídoto perene contra a violência. Nas lições de Barth:

Na cruz Deus não Se encontra com Seus inimigos com malícia, retaliação ou força esmagadora. Ele Se encontra com eles com o mistério do amor que sofre. Ele não somente os trata com autocontrole, mas também oferece a Si mesmo a todos estes. Ele Se apresenta como sacrifício vivo, salvando-os de suas próprias destruições através do sofrimento que eles merecem. Ele não paga o mal com mal, mas vence o mal com bem, mesmo ao ponto de arriscar Sua própria existência. A política de Deus, assim, revela-se como a política de um amor não violento. (HUNSINGER, 2017, p. 324).

### CONCLUSÃO

O teólogo reformado João Calvino, ante o vislumbre da criação com sua beleza e ordem afirmou que “[...] o mundo foi fundado para o espetáculo da glória de Deus!” (CALVINO, 2008, p. 56). Reiteremos esta assertiva sobre a obra do Deus Crucificado e Ressurreto. Deus atraiu o olhar da humanidade para a cruz do calvário e para o túmulo vazio, manifestando singularmente a todos seu poder e sabedoria, aniquilando o mal e iluminando o mundo com seu amor. Jesus superou a violência e seus poderes destrutivos com o amor. Amor este que a tudo supera.

Na cruz vimos à face amorosa de Deus. A crucificação é o clímax do caminho percorrido pelo Senhor Jesus neste mundo na condição de Servo. Jesus nos ensinou a carregar a cruz e conseqüentemente a trilhar a nossa própria *via crucis*. Se quisermos prosseguir nossa peregrinação neste mundo de forma piedosa, devemos imitar o nosso Senhor e seguir rumo a Cidade Celestial com nossa cruz, numa jornada semelhante a do Peregrino de João Bunyan.

As igrejas hodiernas na busca de experiências reais com seu Salvador devem reassumir o compromisso fundamental da fé cristã: amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Somente a prática do amor cristão pode transformar a sociedade. O mundo será verdadeiramente transformado, quando este for mergulhado no Amor Divino.

As comunidades cristãs devem demonstrar este amor na prática. Todos os cristãos devem extrair esta palavra das Escrituras e levar aos necessitados o amor, a semelhança de nosso Mestre. Sem este amor, não somos autênticos cristãos e não temos a legitimidade para proclamar o Amor.

Que nossas vidas sejam um espetáculo que manifeste a glória de Deus! Que o mundo veja a face amorosa de Deus em nosso rosto!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro : CPAD, 2004.

BARBOSA, Milton G. V.; JUNIOR, W. F. Satanás e a Fundação do Mundo: Sobre a Antropologia Bíblica de René Girard. In. *Sistema Penal e Violência*, v. 4, n. 2, p. 232-240, jul./dez. 2012

BARTH, Karl. *Credo: Comentários ao Credo Apostólico*. São Paulo : Editora Cristã Novo Século, 2005.

\_\_\_\_\_. *Esboço de uma Dogmática*. São Paulo : Fonte Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. *Carta aos Romanos*. São Paulo : Fonte Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Church Dogmatics: The Doctrine of the Word of God. Vol. 1*. London : T&T CLARCK, 2009.

\_\_\_\_\_. *Church Dogmatics: The Doctrine of Creation. vol. 3*. London : T&T CLARCK, 2009.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo : Paulus, 2010.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã. Tomo I*. São Paulo : UNESP, 2008.

A Crucificação de Jesus Cristo: Uma Análise Comparativa da Teologia de Karl Barth com a Antropologia de René Girar

DEMOSS, Matthew S. *Dicionário gramatical do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

FERREIRA, Júlio Andrade. *Antologia Teológica. Vol. 1*. Brasília : Livraria Cristã Unida, 1980.

FERREIRA, Franklin. Karl Barth: Uma Introdução à sua Carreira e aos Principais Temas de sua Teologia. In. *FIDES REFORMATA*, VIII. N°- 1, p. 29-62, 2003.

FILHO, Manoel B. S. *Karl Barth e sua Influência na Teologia Latino-Americana*. São Paulo : ASTE, 2015.

GIRARD, René. *O Bode Expiatório*. São Paulo : Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_ *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_ *Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOLSAN, Richard J. *Mito e Teoria Mimética: Introdução ao Pensamento Girardiano*. São Paulo : É Realizações, 2014.

HORDERN, William. *Teologia Contemporânea*. São Paulo : Hagnos, 2003.

HUNSINGER, George. *Karl Barth and Radical Politics*. Oregon : Cascade Books, 2017.

KIRWAN, Michael. *Teoria Mimética: Conceitos Fundamentais*. São Paulo : É Realizações, 2015.

MASSMANN, Alexander. *Wüthrich, Matthias D. Gott und das Nichtige: Zur Rede vom Nichtigen ausgehend von Karl Barths KD § 50*. Disponível em: <https://barth.ptsem.edu/gott-und-das-nichtige-english/> . Acesso em: 27 de mar. 2022.

MCDOWELL, Josh. *Mais que um Carpinteiro*. São Paulo : Hagnos, 2012.

TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: Sua Origem e Análise*. São Paulo : Shedd Publicações, 2008.

PINHEIRO, Laise H. B. A. S. *Desejo, Violência e Cristianismo: Gênese de uma História Apocalíptica em René Girard*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Jairo Rivaldo da. *O Leviathan de Hobbes em Nova Perspectiva: um estudo sobre o papel dos pressupostos na interpretação*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

SWINDOLL, Charles R. *Jesus: o Maior de Todos*. – (Série Heróis da Fé) – São Paulo : Mundo Cristão, 2008.

WÜTHRICH, Matthias D. An Entirely Different ‘Theodicy’. Karl Barth’s Interpretation of Human Suffering in the Context of his Doctrine of das Nichtige. In. *International Journal of Systematic Theology*, p. 1-24, Nov, 2021.

---

[1] Graduando em Direito e em Inteligência Artificial pela Uninassau. Bacharelado em Teologia pelo STJE. E-mail: [gilleandro7@gmail.com](mailto:gilleandro7@gmail.com)